



DO ABSURDO GEOGRÁFICO AO HEARTLAND SUL-AMERICANO: O PAPEL DA BOLÍVIA NA GEOPOLÍTICA DO SÉCULO XXI

Micheli Hederiki Alves
Vinicius Modolo Teixeira

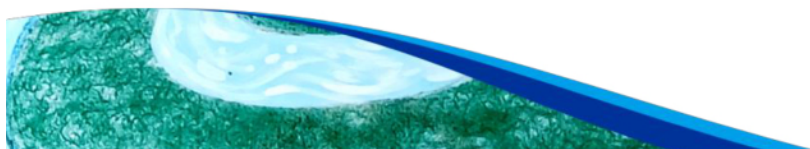
RESUMO

Esse trabalho busca analisar a Bolívia como um epicentro geopolítico na América do Sul, personificando o conceito de Heartland adaptado ao continente. A relevância estratégica origina-se da posição geográfica devido o cruzamento das bacias Amazônica, do Prato e da Cordilheira dos Andes, configurando assim como um potencial eixo de integração regional. No entanto, a centralidade tratada convive com o enclausuramento do país. No século XXI, as reservas de lítio redefiniram e amplificaram a importância, transformando-se em alvo de disputas globais por recursos críticos. Detalhes aqui tratados evidenciam que o controle sobre esses bens naturais comuns se tornou o cerne da dinâmica política interna e internacional do país, causando nas intervenções estrangeiras. Assim, a projeção boliviana é, portanto, geoespacial e geoeconômica. A tensão sobre seu potencial além da vulnerabilidade faz com que o país tenha um papel complexo na geopolítica do continente. O futuro do país se molda pela capacidade de negociar sua soberania e seus bens naturais comuns, superando dependências de logísticas e gerenciando as pressões de poder que incidem sobre seu território.

Palavras-chave: Bolívia, Heartland, Geopolítica, Lítio, América do Sul.

ABSTRACT

This work seeks to analyze Bolivia as a geopolitical epicenter in South America, embodying the concept of a Heartland adapted to the continent. Its strategic relevance stems from its geographical position at the intersection of the Amazon, the Rio de la Plata basin, and the Andes Mountains, thus configuring it as a potential axis for regional integration. However, this centrality coexists with the country's landlocked condition. In the 21st century, lithium reserves have redefined and amplified its importance, turning it into a target in global disputes over critical resources. The details discussed here highlight that control over these common natural assets has become the core of the country's internal and international political dynamics, resulting in foreign interventions. Thus, Bolivia's influence is, therefore, both geospatial and geoeconomic. The tension between its potential and its vulnerability gives the country a complex role in the continent's geopolitics. The nation's future will be



shaped by its ability to negotiate its sovereignty and its common natural resources, overcoming logistical dependencies and managing the power pressures exerted upon its territory.

Keywords: Bolivia, Heartland, Geopolitic, Lithium, South America.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a Bolívia é uma área de contenção e núcleo de integração sul-americana que ocupa posição central no Heartland Sul-americano, conforme releitura feita por Travassos (1935). O país ganha destaque na geopolítica mundial pela abundância de recursos naturais, como o gás natural e o lítio – este último sendo a razão pela qual o país se insere no “Triângulo do Lítio”.

Para o caso específico desse estudo, a teoria base é a do Heartland sul-americano, uma releitura da teoria original de Halford Mackinder, compreendendo principalmente grande parte da Bolívia. Como ressaltado ao decorrer desta pesquisa, o potencial estratégico desta região volta-se justamente sobre sua posição entre as bacias Amazônica e do Prata criando um eixo de navegação capaz de unir o Caribe e o rio da Prata.

É com respaldo teórico, ancorado principalmente nas análises de Mario Travassos (1935) e na reformulação da teoria de Mackinder, feita por Tambs (1965), que este trabalho ressalta a importância da Bolívia para a geopolítica sul-americana no século XXI, em que a disputa pelo lítio se torna a maior “fome” das grandes potências, principalmente os EUA, ocasionando, consequentemente influências e intervenções externas. Devemos, antes de tudo, compreender os motivos para tais atos.

Dessa forma, esse trabalho analisa a evolução da posição boliviana desde projetos de integração, passando por conflitos como a Guerra do Gás em 2003 e o golpe de 2019, os quais tem relação com interesses estrangeiros. A necessidade acerca de compreender essas dinâmicas surge no fato de que a disputa sobre territórios nunca se tornam obsoletos, principalmente pautado na América do Sul. Além disso, recursos e poder, especialmente em um contexto de dependência de investimentos externos e tensões entre modelos estatais e privados, são pivôs de golpes e derrubadas de governo como o ocorrido com Evo Morales, em 2019.

Objetiva-se, dessa forma, examinar como a Bolívia equilibra sua soberania

com pressões geopolíticas mediante métodos qualitativos baseada em revisão bibliográfica. Discutindo desafios persistentes em território boliviano, como o enclausuramento geográfico, a saída para o mar e a extração predatória. O que se pode concluir nesse trabalho é que a Bolívia permanece como peça-chave na geopolítica sul-americana, refletindo contradições entre integração e exploração.

METODOLOGIA

Os Estados são uma “totalidade menor no interior de uma totalidade mais ampla, o espaço mundial”, sendo esses agentes que mantêm o processos e fluxos funcionando dentro da dinâmica interna e externa, fomentando o capitalismo vigente (Santos, 2002).

É nessa perspectiva que quando falamos de território e da necessidade de análise, buscamos entender quem domina, influência e quer ou têm poder sobre um território, e nesse caso da Bolívia, o que leva o país a ser ponto de interesse para tais ações

Dessa maneira, essa pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, fundamentando-se em análise bibliográfica e documental, conforme propostas metodológicas feitas por Minayo (2014) e Gil (2019), estes que destacam a importância da interpretação crítica de fontes para compreender fenômenos sociais.

Priorizou-se dessa forma obras que abordam a Bolívia em seu contexto histórico-geopolítico, trazendo assim o levantamento por meio de artigos científicos, revistas e capítulos de livros oriundos da Geopolítica, Geografia, Geografia Política e Relações Internacionais, com dados obtidos pelo SciELO, Portal de Periódicos da CAPES (Brasil, Scopus e Web of Science, além do acesso através do buscador Google Scholar.

REFERENCIAL TEÓRICO

A primeiro momento, para respaldar essa pesquisa e os pensamentos que levaram ao problema, compreendemos que o território é visto como um espaço

concreto ocupado por um grupo. Essa dita ocupação é vista como um propulsor de identidade antrópica e o seu meio. Não podemos compreender um grupo social sem que se fale, estude ou, até mesmo, o vincule com seu território, uma vez que na Geografia, a identidade a raiz da vida está justamente nos atributos do espaço concreto, como colocado por Souza (2000).

Raffestin (1993) ainda explica que o território é um espaço inventado pelos homens, sendo definido por suas relações de poder e sendo composto por duas faces: a expressão e seu conteúdo. Além disso, Gottmann (1975) diz que o território faz parte de uma extensão espacial de jurisdição de um governo, um recipiente físico que é o apoio de um corpo político do Estado.

Devemos, dessa forma, compreender que o território é um objeto de desejo, é uma promoção de segurança física contra invasão ou de controle exterior, além de palco para oportunidade de desenvolvimento (Gottmann, 1975).

E para o desenvolvimento político dentro de um território e suas relações é que utilizamos da Geografia Política e da Geopolítica, essas que buscam analisar as relações políticas que moldam o espaço geográfico, sendo dois pontos importantes para a compreensão da integração regional e as transformações fronteiriças. Ambas as áreas demonstram a importância das assimetrias territoriais e as disputas de poder (Rückert; Carneiro; Nogueira, 2018).

Assim, devemos pontuar o quanto o debate sobre o poder se destaca nessa questão, como colocado por Cabrita (2019) que diz que a luta pelo poder é sinônimo de um processo político, em que a capacidade militar e estrutura de ordem mundial se destacam em primeiro plano.

Contudo, entendemos também que o poder é uma configuração de dominação do inimigo, ao nesse caso, de um território, buscando 'vencer' uma guerra, ou até evitar, além de obter poder sobre aquilo que dominou e venceu. É nesse sentido que compreendemos poder como a capacidade de uma unidade política de impor suas vontades aos demais (Aron, 2002).

Morgenthau (2003) explica de forma clara que é o poder a essência da política, sendo um ponto central dentro das relações políticas. O poder que está relacionado ao domínio de um território. Clausewitz (1984) afirma que fazer um inimigo "politicamente incapaz" ou até militarmente impotente, é o significado de vitória militar, assim que a dominação e a tomada de poder sobre um território acontece.



Nesse sentido que entendemos com Raffestin (1993) que a geografia é uma geografia do poder, sendo a geografia política clássica a geografia do Estado, sendo o poder a chave de tudo.

No caso aqui tratado, devemos compreender primeiramente a teoria base de Halford Mackinder (1904) que diz que a dominação do mundo pudesse ocorrer, seria a partir do centro das terras emersas do planeta, que seriam correspondente ao leste europeu e ao oeste da Rússia, conhecido como o Heartland. Segundo o autor, é nessa região que o poder militar e econômico teria um longo alcance.

Dessa forma, compreendemos o Heartland sul-americano como uma releitura da teoria de Mackinder, através de de Oliveira e García (2010), que dizem que, mantendo o viés da projeção, seria incluído parte da Amazônia, o norte da Argentina, maior parte da Bolívia e o território do Paraguai.

Carneiro Filho e Rückert (2011) explicam que essa região se impõe com certa força sobre seu potencial estratégico devido às duas grandes bacias, a bacia Amazônica e a bacia do Prata, sendo possível, assim, criar um eixo de navegação capaz de unir o Caribe com o Rio da Prata e a conexão da bacia Amazônica com a bacia do Orinoco, isso sendo possível caso os canais e hidrovias fossem feitas.

O que chamamos aqui de “Heartland sul-americano” foi feito por Lewis Tambs (1965), adaptando a ideia de Mackinder, trazendo para essa perspectiva “quem domina Santa Cruz comanda Charcas. Quem domina Charcas comanda o Heartland. Quem domina o Heartland comanda a América do Sul”.

Tambs (1965) fez que a importância histórica da região veio desde os pré-colombianos até a colonização espanhola, configurando o centro de poder no altiplano e Charcas, até o fim do império espanhol na região o centro fervente e de relevância do poder estava no Alto Peru.

Nesse sentido, Travassos (1935) propôs transferir a centralidade de Cochabamba para Santa Cruz, uma vez que o controle da Bolívia poderia outorgar ao Brasil um domínio político e econômico, e isso devido Cochabamba estar localizada na zona de influência Platina no sul e por estar ligada à atração Amazônica ao norte.

Travassos (1935) ressalta os três grandes acidentes geológicos sul-americanos como pontos importantes: a Cordilheira dos Andes e as Bacias dos rios Amazonas e do Prata. Assim, segundo o autor, o território da Bolívia se encontra em uma posição de projeção para todas as direções, ao mesmo tempo que está vulnerável também de todas as direções. Assim, a Bolívia seria o único país a exercer



a projeção sobre todos esses quatro espaços.

É a partir desse respaldo sobre as análises realizadas por Travassos (1935) e a reformulação da teoria de Mackinder feita por Lewis Tambs (1965) que ressalta-se nesse trabalho a importância da Bolívia para a geopolítica sul-americana no século XXI.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Devemos, em primeiro momento, compreender que o território é poder no âmbito geográfico e geopolítico, ligado por veias e tendões, artérias que se ligam e pulsam na existência de um território e no Estado que o rege. Compreendemos esse fator através de Raffestin (1993) e sua percepção de território e poder, sendo algo organizado ou não, se expandindo ou se contraindo através da história.

É a partir desse viés que temos que colocar nosso olhar sobre a América Latina, sendo está uma das regiões mais ricas em recursos naturais, com enormes depósitos de petróleo, gás e minerais estratégicos para a geopolítica do mundo atual (Watanabe, 2023).

Nesse tocante, a Bolívia é um país marcado por fortes contradições internas, como divergências de renda e divisões étnicas. Ao Leste temos a herança hispânica branca e a Oeste está a identidade andina e indígena (Berdú, 2023).

Além disso, a Constituição da Bolívia estabelece o país como um Estado Plurinacional, ressignificando a soberania popular como fonte de legitimação de instituições e do Estado, criando novas relações e formas de poder entre as comunidades políticas do país (Silva Júnior, 2014).

Quando falamos da Bolívia e de geopolítica, como aqui trabalhado, devemos pontuar, conforme Tambs (1965), que o território do país é um espaço que vincula as regiões Platina, Andina e Amazônica, o que o faz ser rico em recursos e leva alguns estudiosos a relacioná-lo com o Heartland euroasiático de Mackinder.

Compreendendo três quintos do território boliviano, o leste do país é construído geograficamente por planícies baixas de rios grandes e pântanos, além da floresta Amazônica. Já no sul do país está o Chaco boliviano (Rodrigues, 2014).

Durante o século XX, a Bolívia foi lida de três formas. A primeira como um “absurdo geográfico” devido à sua fragmentação territorial. Segundo como área

de contenção entre Brasil e Argentina. E por último, como núcleo de integração sul-americana (Pfrimer, 2011).

Mendoza (2016) cunha dois conceitos importantes para determinar a Bolívia: Maciço Boliviano e “Eslabón Andino Central”. Sendo essas áreas definidas como “maciço”, ou seja, “uma só montanha”, um altiplano que poderia atuar como passagem para as quatro grandes áreas do continente sul-americano.

Travassos (1935) propõe a teoria do “Triângulo Estratégico Boliviano” destacando Cochabamba, Santa Cruz de la Sierra e Sucre como vértices de um espaço de influência que causam disputas por potências regionais.

O triângulo, mais tarde, foi reconfigurado para incluir Tarija, após a descoberta de reservas de gás e petróleo, fazendo com que reforçasse a importância da Bolívia como um “hub” de conexão regional (Pfrimer, 2011; Severo, 2012).

Na contemporaneidade a Bolívia obteve destaque no “Triângulo do Lítio” – juntamente com a Argentina e o Chile –, concentrando 92% das reservas mundiais. Isso faz com que a Bolívia se encontre em uma dinâmica geopolítica de disputas globais pelos recursos naturais do país, enquanto tenta equilibrar sua posição dentro dos interesses nacionais regionais e transnacionais (Jesus et. al., 2023; Soares, 2022)

Iniciativas como a UNASUL (União de Nações Sul-Americanas) e a IIRSA (Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana) buscavam impulsionar a integração sul-americana para a superação de antagonismos históricos e a transformação da Bolívia em um eixo de desenvolvimento regional. Contudo, a dependência de investimentos de países externos e as tensões entre modelos de exploração mineral estatal e privada se tornam desafios persistentes no país (Bragatti, 2016; Pfrimer, 2011)

Nesse tocante, a posição da Bolívia e seus recursos minerais colocam o país como uma peça importante dentro do Heartland Sul-americano, evoluindo desde discursos de contenção até projetos de integração e a atual corrida pelo lítio.

A teoria do Heartland foi criada por Halford Mackinder, como citado anteriormente, sendo feita uma releitura dessa teoria para o contexto sul-americano através de Mario Travassos e Lewis Tambs, descrevendo a Bolívia como uma região estratégica no continente. O país se encontra localizado no centro da América do Sul, vista como um ponto de convergência entre as bacias do Prata e do Amazonas, além da Cordilheira dos Andes (Pfrimer, 2011; Travassos, 1935).

É assim que se coloca a Bolívia no centro do Heartland sul-americano, através

de Travassos (1935), já que o país possui entre Santa Cruz de la Sierra, Cochabamba e Sucre um “triângulo estratégico” que inclui as cidades de Oruro e Potosí, cidades mineradoras, como um ponto estratégico importante.

Contudo, a Bolívia sofre desafios devido seu enclausuramento geográfico, mesmo sendo detentora das maiores reservas mundiais de lítio e sua posição geopolítica (Watanabe, 2023). Esse fato ocorre devido à perda de sua costa no Pacífico após a Guerra do Pacífico entre 1879 – 1883, o que fazendo buscas outras alternativas logísticas (Escudé, 2008).

Com a exploração do lítio no Triângulo do Lítio – Bolívia, Argentina e Chile –, faz com que o corredor bioceânico Central ganhe novo significado: o equilíbrio estratégico da região depende da capacidade de integração logística (Duarte e Martins, 2021). Dessa forma, o que se destaca aqui é a importância das conexões entre terra e mar, mas sobretudo, o quanto o Triângulo do Lítio se torna uma peça chave e ganha destaque dentro das disputas.

Para o controle da exploração do lítio, a Bolívia utiliza de políticas estatais como a criação da Yacimientos de Litio Bolivianos (YLB) para a industrialização e soberania do país (Obaya, 2019; Gomes et. al., 2024).

A Guerra do Gás em 2003 colocou em pauta a importância dos recursos naturais nas disputas geopolíticas. A mobilização do conflito resultou na queda do então presidente Sánchez de Lozada e posteriormente na nacionalização do gás sob Evo Morales (Gomes et. al., 2024; Boron, 2020).

A Bolívia enfrenta desafios, como o golpe em 2019, atribuído a interesses no lítio do país por parte de forças estrangeiras (Prashad, 2020; Sánchez, 2020). A atuação imperialista dos EUA é destaque quando discutido o golpe de 2019 na Bolívia, motivada pelo interesse sobre os recursos naturais do país.

Um dos pontos importantes para aqui se ressaltar é que o governo de Evo Morales, líder indígena, além de dirigente do Movimiento al Socialismo (MAS), ampliou a frente de resistência e as oposições aos Estados Unidos na América do Sul, sendo aliado ao Presidente Hugo Chávez na Venezuela (Bandeira, 2008).

Durante o governo de Evo Morales, a nacionalização e controle estatal do lítio ia contra os interesses das corporações internacionais e do governo dos EUA. Dessa forma, a Organização dos Estados Americanos (OEA) desempenhou um papel importante no golpe, questionando a legitimidade das eleições de 2019 (Farinelli, 2020; Prashad, 2019; Romano et. al., 2019; Sánchez, 2020).



Além disso, conforme Bandeira (2008) explica, no início de 2008, Morales não apenas denunciou a Enron e a Shell, também considerou persona non grata o Embaixador dos Estados Unidos, Philip Goldberg, acusando de apoiar a rebelião dos departamentos da “media-luna”, contra La Paz, encorajando a secessão da Bolívia.

É interessante a análise sobre o conveniente incomodo que se estabelece sobre o governo dos EUA no governo de Morales na Bolívia, ainda mais se levarmos em consideração a importância do lítio para o setor energético mundial na fabricação de baterias. Vale ressaltar que, mesmo os EUA sendo o quarto país com as maiores reservas de lítio do mundo, o país não é um grande produtor. Em 2018 a produção de lítio estava ocorrendo somente em Nevada (Watanabe, 2023).

Além disso, sobre a importância da Bolívia, mesmo com a projeção, devemos ressaltar, conforme Feres (2021), que a perda de articulação com os oceanos faz com que a dificuldade surja no desenvolvimento econômico boliviano, fazendo o país se permear na constante dependência de vizinhos para continuar exportando e importando.

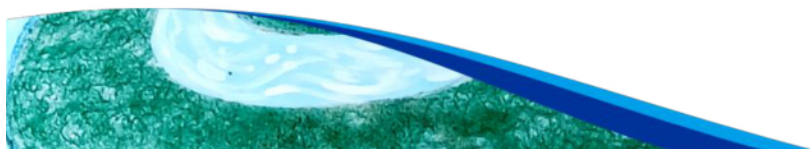
Ressalta-se que desde a Guerra do Pacífico que a Bolívia e Chile passaram por atritos em torno da esutão da saída para o mar, sendo que o Tratado de 1904 cedia o território do Litoral para o Chile, resguardando à Bolívia de trânsito coomercial através do território chileno (Vidigal, 2007).

Podemos entender a importância da Bolívia justamente pela sua posição geográfica como muito ressaltada anteriormente, sendo está uma posição que funciona como atração, articulação, de união e de soldadura entre países vizinhos (Francovich, 1985).

Dentro da discussão estabelecida, a posição geográfica da Bolívia não é alterada, óbvio, deixando o país dentro do coração do continente sul-americano, pulsando a todo vapor devido sua variação de relevo e seus climas, além das possibilidades demográficas. A Bolívia, como diz Vega (2011), é um “órgão vascular da circulação de vida e de correntes vitais de todo o continente, neste imenso centro geográfico”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse trabalho foi possível compreender a posição complexa da Bolívia na geopolítica sobre o contexto sul-americano contemporâneo com suas múltiplas





dimensões de espaço de disputa, integração e soberania.

Partindo da teoria clássica de Mackinder (1904) e a releitura feita por Travassos (1935), foi possível constatar como a Bolívia se consolidou como peça central na geopolítica regional, transitando de visões como “absurdo geográfico” para a sua atual posição como núcleo estratégico de recursos minerais.

A contemporaneidade introduziu um elemento crucial nas disputas estratégicas: os recursos naturais. É dessa forma que entendemos a projeção da Bolívia para o centro de disputa global por recursos críticos para a transição energética.

Eventos relatados como a Guerra do Gás em 2003 e o golpe de 2019, evidenciam de forma clara, nítida, como a luta pelo controle desses bens, tornou a cerne da dinâmica política e geopolítica boliviana, o que fez a atenção e a intervenção de grandes potências serem postas sobre o território do país.

O “Triângulo do Lítio” em conjunto com Chile e Argentina, reposicionou a Bolívia no cenário internacional, o que atraiu interesses globais sobre seus recursos estratégicos. Contudo, a nova centralidade é acompanhada de desafios estruturais, incluindo as tensões entre modelos de desenvolvimento nacional e pressões transnacionais.

A criação da YLB, analisada por Obaya (2019), ressaltava a importante tentativa de afirmação da soberania do país, mas que convive com padrões históricos de extração predatória de seus recursos.

A Guerra do Gás (2003) e o golpe de 2019 revelam a volatilidade política associada à gestão de recursos naturais na Bolívia. A partir desses pontos, é destacável as tensões permanentes entre projetos nacionais de desenvolvimento e interesses geopolíticos externos, constituindo um campo aberto e promissor para análises críticas.

O caso boliviano, conforme demonstrado até aqui neste trabalho, configura-se como um laboratório para compreender as dinâmicas que articulam um território, recursos naturais e poder. A trajetória histórica do país, marcada por contradições e desafios, oferece possibilidade de se perguntar quais são os limites do desenvolvimento soberano na “periferia” do sistema mundial. Travassos (1935) aponta a posição estratégica da Bolívia, o que fomenta as discussões sobre o curso na geopolítica sul-americana do século XXI.

O que podemos concluir, por fim, é que a projeção estratégica da Bolívia no cenário atual é dupla: simultaneamente geoespacial, devido sua posição geográfica



de “hub” central na América do Sul. E também é geoeconômica devido sua riqueza mineral.

A tensão entre seu potencial integrador, materializado em iniciativas como a IIRSA, além da vulnerabilidade devido à falta de saída para o mar, faz com que o país dependa da cooperação de vizinhos para seu comércio exterior, definindo o país em um tabuleiro sul-americano.

Assim, a Bolívia se constitui como um território cujo domínio e influência são cobiçados, com sua trajetória futura sendo determinada pela capacidade de equilíbrio entre soberania e seus bens comuns, além da integração regional e as pressões de poder que incidem sobre o coração geopolítico sul-americano.

REFERÊNCIAS

ARON, R. Paz e guerra entre as nações. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. A Importância Geopolítica da América do Sul na Estratégia dos Estados Unidos. Revista da Escola Superior de Guerra, v. 24, n. 50, p. 7–35, jul./dez. 2008.

BERDÚ, G. P. Disputas hegemônicas, imperialismo e intervenções no século XXI: as eleições presidenciais na Bolívia em 2019 e a atuação da Organização dos Estados Americanos (OEA). 2023. 92 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, São Paulo, 2023

BRAGATTI, M. C.. Teoria Geopolítica e Interpretações do Continente Sul-americano: Marco Geopolítico Regional e a Formação da UNASUL. ACTA Geográfica, Boa Vista, v. 10, n.22, jan./abr. de 2016, pp. 34 – 47.

BORON, A. A.. Notas sobre a atualidade do imperialismo e a nova estratégia de segurança nacional dos Estados Unidos. In: As veias do sul continuam abertas: Debates sobre o imperialismo do nosso tempo. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2020.

CABRITA, L. B. A Guerra de Quarta Geração. Revista Militar Brasileira, 2019.
CARNEIRO FILHO, C. P.; RÜCKERT, A. A. A Tríplice Fronteira e o Heartland da América do Sul. The Three Border Area and the South American Heartland. II Simpósio Nacional de Geografia Política, Território e Poder, 2011.

CLAUSEWITZ, C. v. Da Guerra. Tradução de Michael Howard e Peter Paret. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

DUARTE, R. B., MARTINS, N. A. F. O EQUILÍBRIO ESTRATÉGICO SUL-AMERICANO COMO FORÇA DE INSPIRAÇÃO DO PENSAMENTO GEOPOLÍTICO NO BRASIL E NA ARGENTINA (1900 – 1950). XIV Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, 2021.

ESCUDE, C.. Apuntes sobre los Orígenes del nacionalismo territorial argentino. Buenos Aires: Documento de trabalho n. 388, Unversidad del Cema (UCEMA), 2008.

FARINELLI, V. Exclusivo à Fórum: Evo Morales chama de “Golpe do Lítio” o que viveu na Bolívia. Revista Fórum, [S.L], 2020. Disponível em: < <https://revistaforum.com.br/global/2020/4/4/exclusivo-forum-evo-morales-chama-de-golpe-do-litio-que-viveu-na-bolivia-72264.html> >

FERES, C. P. da C. A importância geopolítica do Gran Chaco para a integração logística da América do Sul. Revista de Geopolítica, v. 12, n. 4, p. 1-14, out./dez. 2021.

FRANCOVICH, G. El pensamiento Boliviano en el Siglo XX. 2. ed. Cochabamba: Editorial Los amigos del libro, 1985.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOMES, C. M. C. et. al. Crise, forças produtivas e questão ambiental: desenvolvimento e dependência na Bolívia contemporânea. Argum., Vitória, v. 16, n. 3, p. 93 – 106, 2024.

GOTTMANN, J. A evolução do conceito de território. Tradução de Isabela Fajardo e Luciano Duarte. Revisão de Fabrício Gallo. Social Science Information, v. 14, n. 3, 1975.

JESUS, A. B. C. de. et. al.. BREVES REFLEXÕES SOBRE O TRIÂNGULO GEOPOLÍTICO DO LÍTIO SUL-AMERICANO. Revista Geopolítica Transfronteiriça, v. 1, n. 2, 2023. ISSN: 2527-2349.

MACKINDER, H. K. The Geographical Pivot of History. The Geographical Journal, UK, vol. 23, n. 4, 1904.

MENDOZA, J. El macizo boliviano. La Paz: Imp. Arnó Hnos, 1935.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. Ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MORGENTHAU, H. J. A Política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz. IPRI, 2003.

NOGUEIRA, R. J. Sociedades fronteiriças: nas margens da integração sul-americana. In: RÜCKERT, A. A.; SILVA, A. C. P. da; SILVA, G. de V. (Orgs.). Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território: integração sul-americana e regiões periféricas. Porto Alegre: Editora Letra1, 2018.

OBAYA, M. Estudio de caso sobre la gobernanza del lítio en el Estado Plurinacional

de Bolivia. Documento de proyecto – 2019/49, Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), Santiago de Chile, 2019.

OLIVEIRA, L. K. de.; GARCÍA, T. S. L. O Conceito de Heartland na Geopolítica Clássica: Funcionalidade e Limites para a Análise da Região Central da América do Sul. Artigo apresentado no GT 17 – Energia e Meio Ambiente da ANPPAS, Florianópolis, SC, 2010.

PFRIMER, M. H.. Heartland Sul-americano? Dos discursos geopolíticos à territorialização de um novo triângulo estratégico boliviano. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 29, pp. 131 – 144, 2011.

PRASHAD, V., BEJARANO, A.. Balas de Washington: uma história da CIA, golpes e assassinatos. Editora São Paulo: Expressão, 2020.

PRASHAD, V.. As multinacionais, o valiosos lítio da Bolívia e a urgência de um golpe. Brasil de Fato, São Paulo, 2019. Disponível em: < <https://www.brasildefato.com.br/2019/11/13/artigo-or-o-litio-da-bolivia-e-a-urgencia-de-um-golpe/> >

RAFFESTIN, C. Por uma Geografia do Poder. São Paulo, Ática, 1993.

RODRIGUES, B. S. O heartland sul-americano - a importância geopolítica da Bolívia para a América do Sul. Rio de Janeiro: OIKOS, v. 13, n. 1, p. 40-56, 2014.

ROMANO, S. et. al. EE. UU. y la construcción del golpe em Bolivia. [S.L.]: Celag, 2019.

SANCHÉZ, A. Detrás del Golpe: la industrialización del lítio en Bolivia. CLACSO, Argentina, 2020. Disponível em: < <https://www.clacso.org/detras-del-golpe-la-industrializacion-del-litio-en-bolivia/> >

SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. de; SILVEIRA, M. L. (Org.). Território: globalização e fragmentação. 5. ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

SEVERO, L. W.. A importância geopolítica da Bolívia e a integração da América do Sul. In: OLIVEIRA, RP. et al., orgs. América Andina: integração regional, segurança e outros olhares, p. 137 – 161. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

SILVA JÚNIOR, Gladstone Leonel da. A constituição do estado plurinacional da Bolívia como um instrumento de hegemonia de um projeto popular na América Latina. Orientadora: Alejandra Leonor Pascual. 2014. 345 f. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SOARES, A. L. R.. Geopolítica dos recursos naturais: o caso do lítio na América do Sul. XXX Congresso de Iniciação Científica da UNICAMP, 2022.

SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: Geografia: conceitos e temas. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

TAMBS, Lewis A. Charcas: The South American Heartland. 1965.

TRAVASSOS, M. Projeção continental do Brasil, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1935.

VEGA, A. V. Geopolítica en Bolivia. La Paz: Libreria Editorial "G.U.M", 2011.

VIDIGAL, C. E. Relações Brasil-Bolívia (1973-1974): o gás e a geopolítica regional. Cena Internacional, Brasília, v. 9, n. 2, p. 9-32, 2007.

WATANABE, T. A.. Imperialismo ecológico: a exploração de lítio na Bolívia como "alternativa sustentável" ou "nova maldição?". In: Economia Ecológica, território e desenvolvimento sustentável: perspectivas e desafios. Vol. 2 – Ano 2023 – Editora Científica Digital.